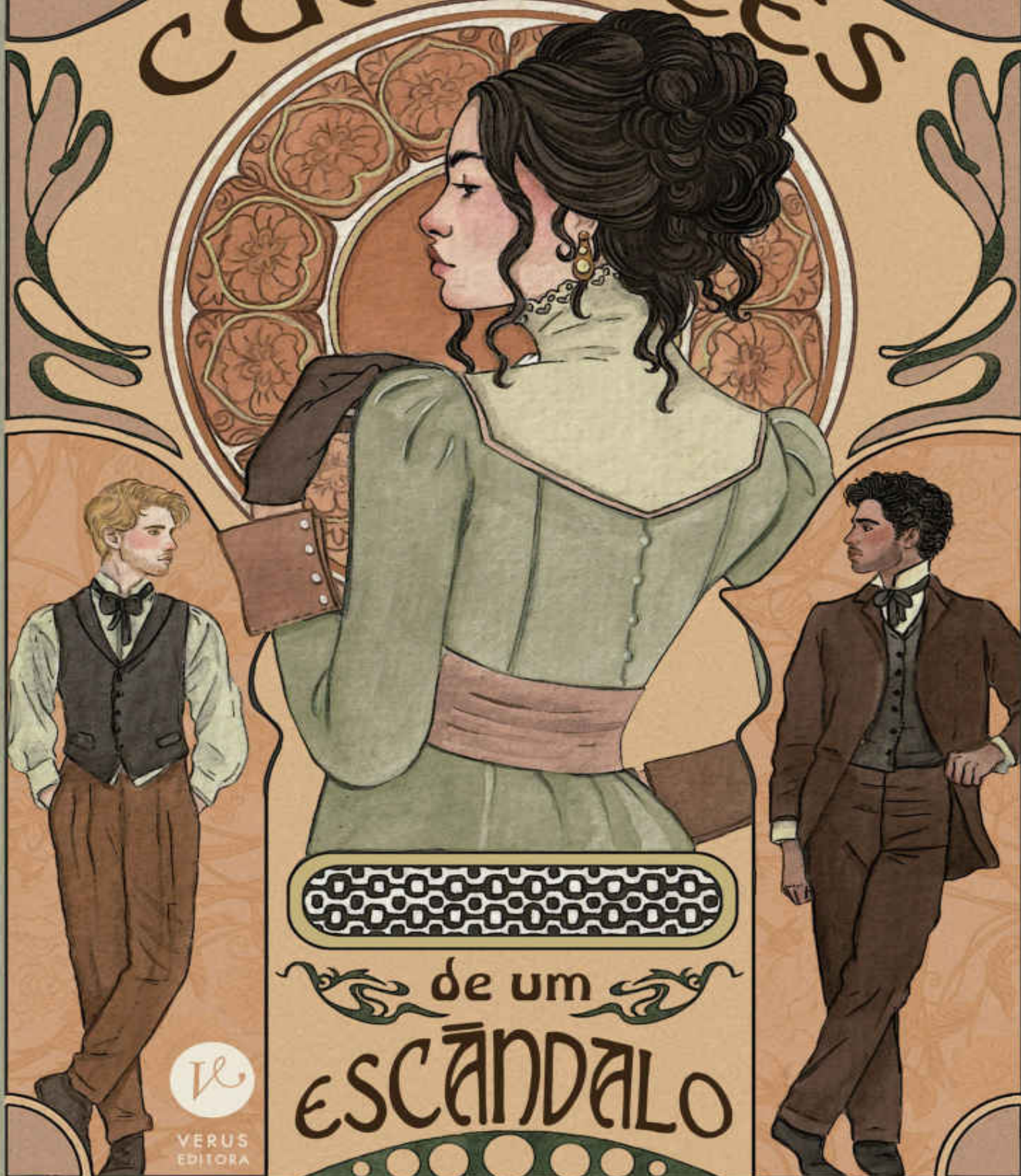


Lucy Vargas

CÚMPLICES



VERUS
EDITORA

de um
ESCÂNDALO

Lucey Vargas

CÚMPLICES
de um
ESCÂNDALO

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / São Paulo-SP, 2024



VERUS
EDITORA

Também de Lucy Vargas

Um acordo de cavalheiros

A perdição do barão

A desilusão do espião

Um enlace entre inimigos

Ilustrações, design de capa e mapa

Carmell Louize

eBook

Flex Estúdio

ISBN: 978-65-5924-347-1

Copyright © Verus Editora, 2024

Todos os direitos reservados.

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Argentina, 171, São Cristóvão, Rio de Janeiro/RJ, 20921-380

www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

V426c

Vargas, Lucy

Cúmplices de um escândalo [recurso eletrônico] / Lucy Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Verus, 2024.

recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5924-347-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

24-93137

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Para a matriarca, sempre.

Para você que também está lutando para sobreviver a uma perda que virou sua vida do avesso.

Para você que entendeu que não pode permitir que os outros decidam seu destino, pois as consequências são suas para enfrentar. Lembre-se disso.

E para cada pessoa que sobrevive sendo neurodivergente em uma sociedade que ainda não está preparada para nos acolher. Sejam fortes.

Sumário



Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46

1



Um defunto no Ano-Novo

Rio de Janeiro, 1906

Avirada do ano acontecera havia poucas horas e os convidados já tinham bebido mais champanhe do que seriam capazes de recordar no dia seguinte. Ninguém fiscalizava o comportamento das moças na festa, então não foi difícil para Carolina de Menezes escapular por uma das portas do jardim. Ela pulou pela balaustrada, desequilibrando-se enquanto arrancava os saltos, avançou em direção à grama e correu. De longe, para olhos embriagados, era somente um vulto dourado afastando-se na parca iluminação.

Assim que chegou perto do rio que corria nos fundos da propriedade, Lina viu a pessoa na água. Soltando os sapatos caros, afundou os dedos na corrente e sentiu a umidade. Foi onde deveria ter parado.

Era mesmo uma pessoa? Poderia ser um amontoado de roupas.

Sob o luar das duas da manhã, Lina decidiu que era alguém em apuros. Se os convidados das outras casas tivessem bebido tanto quanto as pessoas ali, cair na água não seria um ato tão improvável.

A água turva cobriu seus tornozelos e manchou a barra do vestido feito para a ocasião. Lina avançou e a temperatura gelada da correnteza despertou seu senso de autopreservação. Por fim, ao ignorar os instintos e adentrar mais fundo, enxergou a pessoa com mais clareza. Lina sabia nadar, mas bastaria para sobreviver ao rio escuro com suas camadas de **roupa, que a puxariam para baixo?**

O corpo não se movia e o rosto estava virado para baixo.

Era um cadáver.

Ela estava enfiada até os joelhos na água com um cadáver.



— Já ficamos por tempo suficiente, uma hora e vinte minutos a mais do que o pretendido — alegou Gustavo, falando enquanto atravessavam o jardim mal iluminado.

— Estou contente que tenha se divertido — provocou Henrique, sabendo que esse tipo de evento desagradava o primo.

Gustavo seguia um passo à frente e não viu motivos para retrucar. Antes que alcançassem a parte baixa do jardim, ouviram o grito feminino vindo do rio. Os dois correram na direção do som, com os sapatos de baile atrapalhando o avanço rápido. No último trecho, já seguiam escorregando pelo terreno, e Gustavo conseguiu parar antes de atingir a água.

Henrique parou também, os sapatos mergulhados na beira, e a primeira coisa que achou ter visto foi um fantasma.

Uma mulher estava enfiada até os joelhos no meio do rio, as saias do vestido dourado flutuando enquanto olhava fixamente para um vulto que era carregado pelo fluxo lento do rio Carioca.

— Minha senhora, está tudo bem? — perguntou Henrique em voz alta.

Ela não expressou reação.

A sobrecasaca de Gustavo voou no rosto de Henrique e, quando ele conseguiu abaixar o tecido preto, o primo já havia entrado no rio.

— Tem uma pessoa na água! — gritou a moça.

Henrique atirou a casaca do primo e a dele na grama e entrou também. Se a mulher fosse um fantasma chamando-os para afogá-los nas águas turvas do rio Carioca, ele precisaria salvar o seu primo. E isso porque o inconsequente era Henrique, não Gustavo.

Gustavo foi o primeiro a chegar até a moça.

— Venha comigo — disse ele, agarrando a mão dela.

— E a pessoa? — protestou ela.

A moça perdeu o equilíbrio por causa das saias molhadas e se escorou em Gustavo. O primo de Henrique a segurou como se já soubesse que aquilo ia acontecer.

— Se não sair daqui, será a próxima a ser levada pela água — avisou ele, puxando-a na direção da margem.

Henrique ainda estava aturdido. Esticou a mão e tocou nas saias que flutuavam na superfície do rio, surpreendendo-se com a maciez do tecido.

— Mas que diabos! — exclamou, surpreso. — Ela é de verdade!

Porém pouco importava se a moça era uma aparição. O seu olhar se fixou no corpo que continuava a se afastar lentamente, como se seguisse o ritmo das festanças de Ano-Novo.

— Fique com ela — disse Gustavo.

Ele praticamente atirou a moça nos braços de Henrique e avançou pela água.

— Saia dessa água, homem! — gritou Henrique, na esperança de o corpo se mexer.

— Ele não se moveu desde que o vi — relatou a moça.

Era melhor que não ficassem naquela água gelada. Se não poderia tirar Gustavo do rio, podia ao menos poupar a si e à moça.

Henrique ajeitou-se e passou um braço por baixo das pernas dela, levantando-a sem cerimônia, e, sem que ela tivesse tempo de protestar, carregou-a para a margem. A moça segurou-se nele, mas virou a cabeça para ver por cima do ombro de Henrique.

— Não sou eu que preciso ser salva! — exclamou ela.

— Vai me permitir discordar, senhorita. É um rio escuro no meio da madrugada.

Quando Henrique a colocou sobre a grama, ele se virou bem a tempo de ver Gustavo alcançar o corpo. Naquela profundidade, a água o engolia até a cintura e ele puxou o amontoado de roupa, guiando-o em direção à margem ao mesmo tempo em que evitava tocá-lo.

— Mas que coisa horrível! — exclamou a moça, tentando se mover sem escorregar, sem muito sucesso.

Henrique e ela se aproximaram com cuidado outra vez, acompanhando o trajeto de Gustavo. Por fim, quando o vulto encostou na margem e Gustavo saiu pingando da água, os três ficaram ali, emudecidos, os olhos voltados para baixo.

Em um instante, vozes preencheram o silêncio sombrio que se abatera sobre eles, e então as luzes de lamparinas e lanternas começaram a iluminar os rostos reunidos ali. Os empregados chegaram primeiro e se assustaram, e logo atrás veio o dono da casa, passando por eles rapidamente, trazendo sua própria lanterna.

— Ele está morto — anunciou Gustavo por fim.

Ele se abaixara para verificar os sinais vitais, embora o homem retirado da água continuasse imóvel, com olhos abertos e vidrados, exibindo a palidez da morte.



Guarda-chuva de luz

— Não vou desmaiar — assegurou Carolina, pois o rapaz de cabelos claros continuava a ampará-la pelas costas.

Outros convidados, alertados pela saída repentina de empregados e do anfitrião, foram aproximando-se do fundo do gramado. A descida escorregadia fez com que a maioria preferisse assistir à cena lá de cima.

— Eu escutei o grito, o dono da festa precisa ter ouvidos de cachorro — informou o sr. Francisco Soares, proprietário do palacete onde a festa de virada do ano estava sendo comemorada.

Nenhum dos três pareceu dar ouvidos. Carolina ainda encarava o corpo ensopado. Henrique estava perto dela, pronto para impedir um desmaio ou mesmo um tropeço. Gustavo se afastou da água e do morto. Agora que havia mais luzes, eles conseguiram distinguir uns aos outros com mais clareza.

— Venha comigo, não precisa mais ver isso — disse Henrique, que insistia em ampará-la.

Aquela visão já bastara para assombrá-la para sempre.

Dando as costas para o rio, Carolina caminhou sem graciosidade alguma. O vestido se arrastava, pingando, recuperara somente um dos sapatos e andava pisando com a ponta do outro pé, odiando a sensação molhada sob a meia fina e rasgada.

Longe da margem, a metade da festa que ainda possuía algum sinal de sobriedade observava o acontecido. Os empregados mantinham as lanternas erguidas e as senhoras se viravam para não encarar a terrível visão. Ainda assim, era claro que todos observavam e julgavam aqueles três que se envolveram no absurdo processo de tirar um corpo do rio. Ou melhor, Carolina tinha certeza de que era *ela* o centro das atenções. Como uma

moça de família tinha ido parar naquela situação? Estava sozinha? Ela entrou na água por vontade própria ou foi puxada para lá?

— Se não fizesse um calor indecente neste lugar, eu não acabaria na pior situação social da minha vida — resmungou ela, virando-se de costas para o “público” e percebendo o estado deplorável do vestido dourado.

Gustavo bateu a casaca no ar e, em vez de vesti-la, colocou em volta da jovem que havia acabado de conhecer. Ela estava molhada, e ele entendia o que era sentir uma vergonha súbita mesmo sem ter culpa de nada. Jogou a outra casaca para o primo e dessa vez Henrique a pegou no ar, mas também não se preocupou em vesti-la.

— Lina! — Uma jovem mulher acotovelou os convidados para conseguir passar, empurrando alguns sem sutileza.

A luz fraca das lanternas fazia o vestido dela parecer verde, e podiam-se distinguir seus cabelos escuros.

— O que aconteceu? Foi você que encontrou o morto? — Vicentina acolheu a melhor amiga num abraço. — Eu sinto muito.

— Achei que fosse um amontoado de roupas, mas logo vi... — Ela parou de falar, virando para trás. — Esses rapazes me ajudaram — completou, apontando para os dois.

Tina soltou-a para ver de quem ela falava. Um dos jovens estava tão encharcado quanto Lina, e o outro abraçava uma sobrecasaca como se pudesse esconder as calças manchadas. Porém as roupas masculinas disfarçavam o estrago de forma mais efetiva que o pobre vestido dourado da mais fina seda, aliada à musselina.

— Ainda bem que duas pessoas estavam presentes para livrá-la de sua nova aventura mortal — brincou Tina, em uma tentativa de animar a amiga.

— Nenhuma das outras envolveu morte e água. — Lina estremeceu, com frio, e apertou mais a sobrecasaca ao redor do corpo. — Vou precisar partir o mais rápido que conseguir andar sem um dos sapatos. Prometo que devolverei sua casaca, basta o senhor me dar seu nome e endereço e mandarei entregar lavada e passada.

— Não se preocupe com isso. — Gustavo tinha a mente ocupada demais com teorias para se importar com a roupa.

— Vamos lhe passar o endereço — interveio Henrique. — E partiremos com a senhorita.

Lina estava exausta demais para argumentar. Ela se apoiou mais em Tina, para não parecer que mancava tanto. Um instante depois, ouviu passos

ressoando, que indicavam que os dois rapazes as seguiam. Não esperaram para se despedir ou para saber como o anfitrião chamaria a polícia no meio da madrugada do início de ano.

Em meio aos vários veículos parados pela rua, elas encontraram a carruagem em que tinham vindo. Um cocheiro e um guarda de um metro e meio de altura as aguardava.

— Para onde estão indo?

— Botafogo — disse Lina.

Gustavo tirou o relógio do bolso e reparou que estava parado: não resistira a sua incursão dentro do rio. O relojoeiro seria um de seus próximos compromissos.

— Deixaram mais algum acompanhante na festa? — indagou Henrique.

— Papai está em outra festa — disse Lina.

Ela sabia onde era, mas não tinha condições de ir até lá. O pai preferira ir a algum antro festivo recheado de políticos e diplomatas de outros países, enquanto Tina e ela se decidiram por uma festa mais íntima.

— O meu pai também — comentou Tina, e havia um toque de humor em sua fala, mas Lina foi a única a entender.

Ela nem imaginava por qual festa da cidade andaria o senador que era seu pai. Devia estar em algum lugar chique com a esposa. E a mãe de Tina estaria em uma festa familiar.

Nenhum dos rapazes perguntou sobre as mães. Era esperado que jovens damas como elas estivessem acompanhadas de mães, tias, primas... E quanto a maridos? Se nenhuma das duas tocou no assunto, era provável que fossem solteiras. O que tornava ainda mais esquisito que estivessem sem companhia feminina.

— Garotas! Vocês iam me deixar para trás? — chamou uma voz rouca.

A iluminação permitiu que distinguíssem a mulher de vestido volumoso que se aproximava a passos rápidos com um empregado em seu encalço. O homem segurava a lanterna sobre a cabeça dela como se fosse um guarda-chuva.

Carolina bufou e Tina revirou os olhos. Ficou óbvio para os rapazes que elas haviam tentado, sim, deixar a tal mulher para trás.

— Tem um homem morto na beira do rio! — exclamou a mulher. — E como pode vocês duas estarem envolvidas nessa questão?

A senhora derramou uma enxurrada de preocupações e informações que todos ali já conheciam e então amainou o tom para leves reprimendas. Até

que se deu conta de algo importante.

— E quem são esses senhores? — Ela espremeu os olhos, avaliando-os da cabeça aos pés em reprovação.

Os jovens aproveitaram a iluminação para, pela primeira vez naquela noite, reparar uns nos outros. Lina, Gustavo e Tina tinham cabelos escuros. Pelo menos naquela luz, Henrique parecia ter o cabelo loiro-escuro e a pele branca, mas diferente da de Lina, que possuía um subtom quente. Tina era uma jovem negra de subtom frio e achou interessante perceber que Gustavo também não era branco. Havia poucos como eles naquela festa.

— Eles me tiraram da água — explicou Lina.

— E nos acompanharam até aqui, tão prestativos... — Tina não conseguia esconder o desprazer no tom de voz, direcionado à senhora.

— São empregados do sr. Soares? — A mulher puxou o braço do criado, ainda prestativamente parado atrás dela, e ele ergueu mais um pouco o guarda-chuva de luz que a lanterna criava.

— Infelizmente não fomos contratados para esse grande evento, minha senhora. Somos apenas convidados — informou Henrique.

— Ah... — disse a mulher, perdendo parte da animosidade.

Se eram convidados do sr. Soares, deviam ter alguma boa posição ou ao menos uma família conhecida em seu círculo social.

— Ele é Henrique Sodré. Eu sou Gustavo Sodré — informou Gustavo, sempre pronto para resumir qualquer diálogo em informações úteis.

— Ah, os primos Sodré? Da parte do barão de Valença? — indagou a mulher, e procurou o pincenê para observá-los em detalhes.

— E nós fazemos questão de acompanhá-las até Botafogo, já que estamos indo para lá também — avisou Henrique.

— Não será necessário — disse Tina.

— Gentileza dos senhores — respondeu a acompanhante, entrando primeiro na carruagem.

Carolina e Vicentina nunca tinham ouvido falar daqueles dois, mas sua acompanhante indesejável fora apaziguada com a apresentação. Contudo, ela era antiga na sociedade carioca, ao passo que as duas eram novatas. Ou melhor, forasteiras. Durante a festa no palacete, havia tanta gente e diversão que sequer se importaram em prestar atenção nos convidados. Lina passara a maior parte do tempo na varanda — o calor da capital ainda era seu ponto fraco.

Os cinco se ajeitaram na carruagem, o guarda se sentou ao lado do cocheiro, e Henrique fez sinal para seu coupé segui-los. Afastaram-se pelas ruas quase vazias de Laranjeiras, encontrando pontos festivos aqui e ali. As luzes dos postes a gás iluminavam o veículo a intervalos irregulares. Não disseram nada por um tempo. O rapaz de cabelo escuro só olhava para fora.

Apesar da noite escura, Lina já sabia que Gustavo era o da direita, o mais alto, que dava respostas curtas e assertivas. Fora ele quem buscara o corpo na água e depois confirmara a morte. Henrique, o da esquerda, era esguio e mais baixo que o primo, e falava com a suavidade de quem tem o riso na voz. Ele a carregara com tanta facilidade, como se a margem não fosse escorregadia.

— As senhoritas chamam-se Lina e Tina? — perguntou Gustavo, como se a questão estivesse rodando sua mente nos últimos minutos.

Em meio à confusão, nenhuma das duas tinha recordado as boas maneiras de se apresentarem.

— Carolina — disse Lina.

— Vicentina — respondeu a outra.

— São as srtas. Carolina de Menezes e Vicentina de Assunção — intrometeu-se a senhora, corrigindo-as com nome e sobrenome, como era cabido.

— Souza de Assunção — interveio Tina, pois fazia questão de citar o sobrenome da mãe.

Carolina não fazia questão de carregar o nome da mãe, mas as histórias das duas amigas eram opostas. Enquanto para Vicentina a mãe era a pessoa mais preciosa, Lina não via a sua fazia anos e não podia usar o sobrenome da madrastra.

— E a senhora, quem é? — Gustavo manteve os braços cruzados e não soou simpático ao fazer a pergunta à mulher.

Henrique dividiu-se entre o esforço de não demonstrar diversão e a vontade de dar uma cotovelada em Gustavo, mas as mulheres notariam, e ele procurava não dar “lembretes” ao primo a menos que fosse necessário.

— Sra. Henriqueta de Oliveira, esposa do deputado Waldemar de Oliveira — anunciou a mulher, irradiando soberba.

Gustavo nem piscou; não parecia saber de quem se tratava. Já Henrique disfarçou a reação. Como foi que não reconhecera aquela senhora? Sua mãe a conhecia, mas ele fazia de tudo para não participar de eventos que o

levassem a socializar com as pessoas com que sua família simpatizava. Era sempre uma arapuca.

Quando o veículo parou em frente a um palacete na São Clemente, Lina e Tina desceram e agradeceram a companhia da senhora e dos rapazes. O empregado baixinho as acompanhou.

— Eu moro mais à frente — anunciou Henriqueta. — Já que fizeram a gentileza de nos acompanhar, vou me dar ao luxo de ir direto para casa. As meninas estão entregues.

Henrique acenou para as jovens e Gustavo apenas se inclinou para observá-las, tentando ver mais detalhes, agora que a iluminação da porta incidia sobre elas. Mas acabaram com a *adorável* companhia da sra. Oliveira por mais quinze minutos. Henrique rezava para Gustavo não perguntar onde estava o deputado Oliveira, que fora anunciado como marido com tamanha pompa. Senhoras da posição dela raramente eram vistas em eventos desse porte sem seus vistosos maridos. Era o tipo de buraco que seu primo notaria numa história.

Lina olhou para trás uma última vez, observando a carruagem seguir em frente com Henriqueta e os rapazes. Talvez os eventos daquela noite logo fossem esquecidos. Talvez o cadáver no rio fosse apenas uma história para contar em noites de modorra, e nada mais.



Os Sodré

— Finalmente teremos um lugar adequado à beira-mar para frequentar — anunciou Margarida ao entrar primeiro, animada com a inauguração.

Carolina seguiu a amiga que fizera mais recentemente pelo salão de entrada. A inauguração do CopaMar era apenas para convidados, porém os donos decidiram caprichar tanto nos nomes selecionados quanto nos números. O convite fora endereçado ao cônsul, e ele preferiu enviar Lina com a filha de um conhecido. Ela não sabia de onde seu pai conhecia os Gouveia, mas Margarida “Maga” Gouveia foi a primeira jovem de quem se aproximou assim que retornaram ao Brasil.

Embora não tivessem os mesmos gostos e opiniões, as duas se deram bem. Maga ocupava-se em apresentar Carolina aos seus conhecidos da sociedade carioca e elencar os melhores locais para frequentarem. E quais convites aceitar. O retorno de Inácio de Menezes não passou despercebido na capital, e havia muitas pessoas interessadas em criar laços sociais com ele e a filha. A esposa, contudo, não estava recebendo a mesma recepção calorosa.

Porque ninguém queria dizer que na verdade ele era amasiado com Josephine. A mãe de Carolina ficara na Europa com o homem por quem se apaixonara. No lugar em que Inácio e a ex-esposa se casaram, o divórcio era possível. No entanto, a sociedade brasileira, ao menos os círculos mais seletos, não aceitava tal coisa. Inácio e Josephine haviam se casado em Paris, é claro, mas a maioria ignorava esse detalhe.

— É a minha primeira vez em Copacabana, ao menos que me lembre — contou Lina quando acabou presa numa conversa sobre os bairros litorâneos e quanta atenção estavam recebendo do prefeito.

— Faz tanto tempo que você partiu, naquela época não tinha nada por aqui — comentou a esposa do anfitrião.

Carolina se esforçava para não parecer uma estrangeira no próprio país e cidade, já que nascera no Rio. Os deveres diplomáticos do pai exigiram que partissem de vez quando ela tinha dez anos para morar no país preferido dos ricos brasileiros, a França. Agora que voltara para um lugar que não sabia se deveria chamar de lar, percebia cada influência francesa que via, desde a moda até o fato de que as estrangeiras que chegavam à capital e não vinham de Portugal eram automaticamente rotuladas de francesas.

Caetano, o pequeno “guarda” que a seguia, deixara escapar uma vez em uma conversa que, na vida noturna carioca, as dançarinas, prostitutas e atrizes eram todas francesas. Se não fossem, diziam que eram, pois vendia melhor.

— Vamos, tenho tantas pessoas para lhe apresentar — disse Maga, acenando em despedida à esposa do anfitrião. — Algumas delas eu não via há meses!

Maga era uma borboleta social, regida pelos costumes, regras e preconceitos da alta sociedade. Seu vestido azul era importado, a pele pálida cuidada por cosméticos europeus, o penteado em seu cabelo escuro seguia a última moda na capital, os sapatos foram encomendados na Argentina e as joias vinham dos ourives estrangeiros do centro. Carolina não tinha paz quando estavam juntas — era muita informação para absorver sobre toda aquela gente: aonde iam, de onde vieram, com quem se casariam.

— Essa é a minha prima, Jacinta Ribeiro — apresentou Maga quando pararam diante de outra mulher.

A moça era parecida com a prima, um pouco mais velha, e exibia uma aliança no dedo. O marido estava por ali, conversando com alguém importante que frequentava o banco da família dele.

O problema de todas essas ocasiões, no fundo, eram o tédio e a falta de interesse de Carolina. Ela vivia por bailes, eventos e jantares em seus anos na Europa. Não tinha voltado ao Rio em busca de nada disso. Não fora escolha dela retornar; tinha vinte e um anos, era solteira e filha única. Inácio de Menezes jamais deixaria a filha na Europa se não estivesse casada.

— Venham! Já reservei uma mesa com uma vista incrível — chamou Jacinta, puxando as duas para um canto.

As primas se sentaram, trocaram informações sobre suas mães e pais e em seguida engataram na única coisa que conseguia prender o interesse de

Carolina: as fofocas. Era o jeito mais rápido e efetivo de conhecer os pormenores da sociedade. Ninguém estava imune aos rumores.

— Não se preocupe, Carol ainda não os conhece. — Maga abanou a mão no ar.

Maga cismava em chamá-la pelo apelido errado. Desde criança, sempre fora Lina.

Em seguida, Jacinta se lançou numa narrativa sobre alguém que estava noiva e saía com o primo do noivo, e o casamento seria adiantado. Emendou com o caso de um rapaz da roda que frequentavam que acabara de ter um filho com a camareira e assumira a criança, porém agora estava em busca de uma “esposa adequada”.

— O pior é que vai conseguir, a família é tradicional e endinheirada — opinou Jacinta. — Quantas moças solteiras estão em busca de um partido como ele?

Uma nova leva de convidados encheu o salão repleto de janelas, enquanto os garçons circulavam entregando bebidas e aperitivos em uma dança complexa para servir todos os recém-chegados. Carolina avistou uma dupla que achou familiar e esperou até vê-los mais de perto.

Logo ela se distraiu, olhando ao redor, mas, quando voltou a cabeça para aquele canto, encontrou o olhar de Gustavo. Durou apenas um segundo, mas ele não mostrou reação nem disse nada ao primo, que estava ao seu lado. Será que não a reconheceu?

O acontecimento da festa de Ano-Novo ainda era uma das maiores fofocas do início de ano. Lina não soubera mais nada sobre o homem morto — não seria educado perguntar, e o pai não a queria metida ainda mais no assunto — e ela não tivera a oportunidade de inquirir sobre os outros envolvidos.

— Eu conheci alguns dos convidados na festa de Ano-Novo do sr. Soares — comentou Lina, jogando verde. Ela citou umas três pessoas para quem fora apresentada, só para arrematar: — Ah, sim. Aqueles dois... Sodré é o sobrenome, certo?

Maga foi a primeira a morder a isca.

— Ah, os Sodré, é claro que os conheceu em alguma festa. São primos. Agem como irmãos, porque foram criados juntos — contou.

— Ao menos quando não carregavam o mais novo para algum lugar distante no Norte — acrescentou Jacinta.

— Qual deles é o mais novo?

— O mais alto — disse Maga.

— O mestiço — respondeu Jacinta ao mesmo tempo.

As sobranceiras de Lina se elevaram com o comentário. Devido à convivência com Tina, estava acostumada a prestar atenção na distribuição racial dos presentes em eventos. A pele parda de Gustavo era vários tons mais escura que a de Henrique e a de quase todos os outros no salão, com exceção de uma convidada que ela vira passar e da maioria dos empregados.

— Eles foram muito prestativos comigo e Tina — comentou Lina, arrancando uma careta disfarçada de Maga.

Tina não era incluída nos programas de Margarida; as duas não gostaram uma da outra logo de primeira. Como Tina também frequentava muitos eventos com a mãe e familiares para socializar, Carolina saía com Maga quando a amiga de longa data estava ocupada. Contudo, Lina sabia o motivo de parte da reserva de Margarida quanto à sua melhor amiga. Era o mesmo do restante daquele círculo social.

Um círculo cheio de traições e filhos ilegítimos. Como dissera o pai de Lina, atualmente já não estavam mais reconhecendo os filhos como era comum no passado. O país estava regredindo.

— Todos por aqui os conhecem. — Pelo tom de Jacinta, a fofoca era suculenta. — Especialmente o filho do barão.

— Qual deles é...

— Henrique, aquele com cabelo claro e cara de patife — respondeu Maga antes que Lina terminasse a frase e a prima fizesse mais algum comentário de mau gosto.

Lina olhou para onde estavam os Sodré e viu que o cabelo de Henrique não era exatamente loiro. Sob a luz do dia, era uma mistura de bronze e ouro velho. Estava cortado na moda, e a barba era do tom mais escuro das mechas do cabelo. Ele era tão bonito que Lina teve certeza de que essa era parte do motivo para ser tão conhecido. Henrique destoava do restante do grupo. Ela não conseguia ver de onde estava sentada e não reparara à noite na carruagem, mas imaginou que ele teria olhos escuros para contrastar com a pele e deixá-lo ainda mais interessante.

— O primo mais novo é filho do irmão do barão. O homem era militar e tinha negócios pelo Norte, e foi assim que conheceu a mãe do seu único filho legítimo. Ela tinha a pele escura, mas vinha de uma família de posses. Nunca tivemos muitas informações sobre ela, sabe? Até hoje não sabemos

se era filha de alguma negra ou uma índia. Fato é que foi um escândalo o filho do antigo barão se casar com alguém como ela.

Lina sentia-se diminuir na cadeira a cada palavra dita. Não era apenas o uso venenoso das palavras, mas o tom usado por Jacinta. Ela se referiu à mãe de Gustavo com um desdém tão feroz que pesou sobre a mesa.

— E onde está a sra. Sodré, esposa do irmão do barão? — perguntou Lina. Já que não sabia o nome da mulher, escolheu o que seria respeitoso e mais incomodaria as outras duas à mesa.

— Morreu um tempo depois de se mudar para o Rio. Por isso ele cresceu com o primo. Ao menos não o devolveram lá para os confins de onde veio — comentou Jacinta.

— Por que está tão interessada nos dois? Ainda não a tinha visto perguntando sobre homem algum desde que a conheço — observou Margarida.

— Porque eu os conheci na festa e eles foram muito prestativos, mesmo sem sabermos a identidade uns dos outros. Sou curiosa. E o tal barão, por onde anda?

— Morto também. É coisa recente, tem poucos anos. Dizem que não suportou mais a República — contou Jacinta.

— O filho dele é um ótimo partido. Sabe como funciona a nossa sociedade... uma vez barão, sempre barão. Pena que é sem-vergonha.

Carolina era inexperiente na sociedade do Rio de Janeiro. Contudo, não era inteiramente estranha ao sistema e sabia o valor que títulos — extintos ou não — podiam ter no convívio social e na roda de casamentos. Ela vivera por anos no berço dos títulos e não sentia falta. Em todo evento que frequentava, encontrava algum conde, barão, duque e até mesmo príncipe. Era algo comum por ser filha de um diplomata bem relacionado.

— Vou circular um pouco, quero cumprimentar meus poucos conhecidos — anunciou Lina, surpreendendo as outras duas.

— Eles é que devem vir até você. É uma dama, não se levanta à toa — alegou Maga.

— Mas que tolice, esse tipo de evento não foi feito justamente para circular e socializar?

Lina não era tímida, e as outras duas ficaram olhando de longe, com receio de que ela fosse cumprimentar os rapazes sobre os quais esteve perguntando. Para pavor de Maga, a moça fez algo ainda pior: parou junto a uma jovem renegada, que nem deveria ter sido convidada.



Apesar da promessa de boa comida e de uma paisagem estonteante, Henrique precisou arrastar o primo para aquela inauguração. Gustavo tinha mil e um compromissos para usar como desculpa, mas não houve outro jeito. Havia mais gente do que esperava, ao menos cinquenta pessoas a mais que o número que ele havia se preparado para enfrentar. As mesas eram insuficientes, e desconhecidos precisavam sentar-se juntos ou ficar de pé com suas bebidas.

Não era seu círculo de sempre. Estava desconfortável.

— Eu acabei de lhe fazer um favor, agora pode usar esse local para pagar seu encontro quinzenal com a nossa família — sugeriu Henrique.

— Mensal — corrigiu Gustavo. Quanto mais velho ficava, mais se afastava dos Sodré.

Por mais que sua família paterna não pudesse ser rejeitada, ele não tinha apreço por eles. A verdade é que poucas pessoas e situações conseguiam lhe evocar reações emocionais, fossem boas ou ruins. Quando isso ocorria, porém, as reações tendiam a ser violentas. Com a idade, ele também tomou controle sobre si e sua melhor defesa era simplesmente não registrar os acontecimentos. E mascarar tudo que pudesse.

Gustavo adorava sua família materna, mas eles moravam no Recife. Só conseguia vê-los quando viajava. Ultimamente, os compromissos e a vida em geral não permitiam. Ele sentiu um aperto repentino no peito e demorou um instante para compreender que era saudade. O fato de não se lembrar tanto das pessoas que não encontrava com frequência o ajudava a se sentir no controle.

No entanto, o presente exigia sua atenção, com a aproximação de um homem esguio e atraente, de cabelos castanhos mais compridos do que a moda.

— Como você entrou aqui, seu sorrateiro? — Henrique abraçou o recém-chegado.

— Respeite o meu trabalho, alguém precisa escrever sobre a inauguração para contar ao público que nunca pisará aqui — brincou Afonso.

Ele ofereceu a mão a Gustavo; gostava tanto dele quanto de Henrique e, pelo tempo que os conhecia, sabia de que forma agir com cada um. Afonso era o amigo jornalista sergipano, que apreciava mais escrever sobre os acontecimentos da cidade. Porém todos tinham seus vícios a pagar e, para

encher o bolso e conseguir uma refeição gratuita, estava mais que disposto a datilografar uma nota sobre o CopaMar.

— Aí está você, meu caro jornalista. Venha, venha. Tenho um lugar perto das janelas — chamou o gerente, surgindo de repente.

Afonso piscou para os dois enquanto se afastava. Raramente era tão bem tratado, e, com o que recebia do jornal, o CopaMar não seria seu local de escolha para um almoço semanal.

— Rique, meu querido, você veio. — Rafaela Sodré deu dois beijos nas bochechas do filho, pronta para impedi-lo de pular por uma janela e desaparecer.

Ela ignorou Gustavo enquanto fazia uma série de perguntas ao filho, e só depois olhou o sobrinho e disse, em tom seco:

— Gustavo. Bom vê-lo socializar.

O rapaz sequer reagiu. Sabia que Rafaela estava mentindo: não gostava de encontrá-lo nem achava boa ideia que ele socializasse em seu círculo. A menos que fosse para encontrar logo uma esposa de boa família que pudesse “salvá-lo” de suas origens e esquisitices e livrá-la de precisar se preocupar com o sobrinho.

Para pavor dos primos, a chegada de Rafaela foi uma arapuca: ela deu o bote inicial e logo depois chegou o bando. Maria e Custódio Botelho, seus tios, e dessa vez até tia Eugênia estava presente, com sua acompanhante, Joana. Rafaela certamente armara tudo aquilo para sair nas colunas sociais e mostrar à marquesa como estavam interessados em agradar a sobrinha dela.

A marquesa viúva de Lakefield não perdera o título após a inauguração da República, já que seu segundo marido era um marquês inglês. O primeiro marido era um barão brasileiro, portanto ela se estabelecera duplamente como nobre e a sociedade vivia a seus pés. Além do mais, os Sodré queriam que Henrique se casasse com Vitoriana, sobrinha da marquesa. Na verdade, era Vitoriana que queria Henrique. E a tia fazia tudo que a sobrinha pedia.

A marquesa não tinha filhas, apenas dois filhos, que viviam indo e voltando do país. Seu xodó era a sobrinha. Como podia o filho do barão não ter interesse naquele tesouro de menina? E não restou outra: logo após a chegada de toda a família Sodré, Vitoriana surgiu em meio a eles, atravessando o grupo reunido como se flutuasse acima do salão.

— Veja quem encontramos, querido — disse Rafaela, sem um pingão de sutileza. — Tenho certeza de que estava ansioso para vê-la.

Vitoriana abriu seu sorriso mais encantador. Era uma jovem atraente, de bochechas secas e pálida a ponto de muitas veias se destacarem. Estava sempre vestida na última moda e era mimada como uma rainha. Também tinha um dote vultoso e uma herança. Uma união entre as famílias seria o sonho dos Ferreira Sodré.

Isso fazia Gustavo apreciar mais ser um *Vieira Sodré*. Seu ramo da família contava apenas com ele e os dois filhos ilegítimos do pai, que os demais fingiam que não existiam. O pessoal do Recife só falara de casamento uma vez, quando deram a ideia de ele encontrar alguma boa moça de uma família da região, para visitá-los mais vezes e porque achavam as damas da capital cheias de frivolidades.

Henrique acabou preso com Vitoriana. Ao contrário do primo, ele era simpático, sociável e todas as outras características exigidas para se dar bem em sociedade. Odiava decepcionar uma mulher, mesmo seus casos de poucas horas. Não queria se casar com Vitoriana, mas não lhe faria uma desfeita, ainda mais sob tantos olhares.

— Tenho outra pessoa para cumprimentar — avisou Gustavo, afastando-se antes que o primo tentasse mantê-lo ali como apoio.

Ele avistara a moça do rio. Ela estava a uma mesa com duas jovens desagradáveis, mas ele havia acabado de vê-la se levantar e ir em direção a uma mulher que ele não conhecia. Decidiu aproximar-se e a sobressaltou sem querer.

— Como tem passado? — indagou ele. — Recuperou-se do trauma?

Lina virou-se rápido demais e seu ombro esbarrou na outra moça. Ela ergueu o olhar para ele e sua expressão foi da mais pura surpresa. Gustavo acertara em suas conjecturas: os olhos dela refletiram a luz naquela noite. Não eram totalmente escuros, tinham um tom denso e misturado de castanho, como o tronco de uma de suas árvores favoritas.

— Estou bem, já passou. — O sorriso dela ainda exibia surpresa. Pensou que ele nem a havia reconhecido.

A concentração de Gustavo ficou presa na cor dos olhos de Lina, e ele até se esqueceu de endereçar-se à outra moça. Esqueceu-se de chegar com suavidade. Tinha certeza de que deveria ter começado com outras palavras. Porém ela entendeu quando ele foi direto, estava sorrindo. Por que precisaria dar voltas para chegar ao assunto?

— E o senhor? Recuperou-se de nadar naquele rio turvo? — perguntou Lina.

— Não adoeci.

— Fico feliz. — Ela moveu a mão, indicando sua companhia. — Essa é Virginie Alvim, ela também estava na festa de Ano-Novo.

— Gustavo Sodré — apresentou-se, sério, como sempre fazia.

— Infelizmente não vi a altercação. Quando cheguei, já havia um policial montando guarda — disse Virginie, também indo direto ao assunto. — E vocês tinham partido.

— Os dois foram corajosos de entrar no rio.

— Você estava sozinha dentro da água — apontou ele.

— Sim... — Lina assentiu, um tanto desconcertada com o jeito dele. Era a primeira interação direta entre os dois.

Ela queria observá-lo de perto, mas o olhar dele prestava atenção nela com uma concentração diferente do que estava habituada. Ele não estava flertando ou sendo invasivo, tampouco a encarava. Lina frequentava eventos sociais desde os catorze anos, e foram aumentando com o tempo. Ela sabia lidar com homens incisivos, flertes indesejados e insinuações obscenas. Gustavo não a estava olhando do jeito que faziam quando a deixavam irritada e desconfortável.

Ela estava intrigada.

— Eu disse que foi algo insano de se fazer. Imagine, entrar naquela água no meio da madrugada e vestida para festa. — Virginie balançou a cabeça e sorriu.

— Fico satisfeito de saber que está passando bem. — Gustavo meneou a cabeça de um jeito duro e curto, partindo sem hesitar. Ele já trocara mais palavras do que o necessário ali, e contentava-se em saber que Lina parecia bem, mesmo depois do choque.

Virginie e Lina o observaram partir, ambas guardando suas impressões e reparando disfarçadamente em como o terno lhe caía bem.

— Então esse é um dos rapazes que a tiraram do rio — comentou Virginie.

— Sim. Ambos foram rápidos.

Um sorrisinho ergueu o canto dos lábios da nova colega de Lina e ela disse no melhor tom de conspiração:

— Garboso.

As duas riram baixo, aproximando as cabeças para ninguém notar.



Proposta interessante

Quando Carolina voltou para a companhia de Margarida, foi interpelada de imediato:

— Onde conheceu aquela moça?

— Na festa dos Soares.

— Ela é filha do deputado Alvim com sua concubina francesa.

— Ora, que interessante. — A resposta cínica de Lina não era a esperada por Maga. Ela devia ter esquecido que a madrasta de Carolina era acusada do mesmo pecado.

Margarida tinha tomado como missão introduzir sua nova amiga e filha única do cônsul à sociedade carioca. Era visto como status social ser amiga de alguém como Carolina. Outra pessoa já se juntara a elas na mesa, tentando cavar uma apresentação formal, e sem perder tempo Maga fez as apresentações.

— Um amigo da minha família: Manoel de Abreu — disse Margarida, abrindo seu melhor sorriso. — Nossos pais frequentaram a mesma faculdade.

Lina ofereceu a mão com o dorso para cima, enquanto mantinha um olhar neutro, mas direto, e um leve sorriso de canto de boca. Era assim que ela fazia nos eventos das cortes no exterior. Porém aquilo causava reações diversas em rapazes brasileiros. Alguns se surpreendiam, outros achavam que ela não tinha gostado deles e, como aconteceu a seguir com Manoel, sentiam-se desafiados e até mesmo inseguros.

— Fico feliz em finalmente conhecê-la. Sempre vejo o cônsul. Ele é benquisto por todos no nosso ministério.

— O senhor também trabalha na diplomacia? — inquiriu Lina, por educação.

— É o meu emprego e um chamado para mim.

— Interessante. — O tom e a expressão de Lina não davam pistas do que ela estaria pensando, deixando-o sem saber como continuar o assunto.

Esse era o plano. Lina tinha outros assuntos para descobrir. Ela gostaria de ter conversado mais com Virginie, mas a moça se desculpava para ter com outros conhecidos. Agora Lina precisava de uma desculpa para se afastar da mesa e, bem a tempo, viu que duas figuras familiares estavam se aproximando: Gustavo e Henrique Sodré.

Ela se levantou, a despeito do puxão nas saias que recebeu de Margarida. Lina não estava com a menor vontade de deixar que a outra escutasse sua conversa com os dois rapazes.

— Srta. Menezes, fico feliz de encontrá-la à luz do dia e num local seco — cumprimentou Henrique.

— Na verdade, adorei poder revê-los. Fiquei com receio de ter sido um acontecimento inédito que permaneceria só na lembrança.

— Inédito e mórbido — disse Henrique, em tom bem-humorado. — Foi um jeito e tanto para nos conhecermos. Achei que fosse um fantasma.

Ambos sorriram. Henrique era assim, deslizava com suavidade por qualquer assunto, conversava com tanto carisma que era difícil tratá-lo mal.

Apesar de Lina ter se dirigido aos dois primos, o olhar de Gustavo estava preso na paisagem da janela: o mar próximo e as ondas quebrando. Ele claramente não prestava atenção ao que ela estava dizendo, muito menos ao burburinho e à movimentação constante dos convidados. Ele não desviou o olhar nem quando Margarida se juntou ao grupo. Maga havia visto Lina conversar com um dos primos Sodré, e agora ela estava com os dois. O que tanto tinha para conversar com eles?

— Vocês têm alguma novidade sobre o caso? — Lina se inclinou e falou mais baixo.

— Ainda não sabemos nada do falecido — contou Henrique.

— Ele bateu a cabeça quando caiu, ou bateram nele. — Gustavo voltou a atenção para o grupo, provando que escutara ao menos parte da conversa.

Maga arregalou os olhos e olhou em volta. Ela soubera do corpo encontrado, mas dispensara os detalhes. Se o morto não fosse alguém de seu círculo, não era de seu interesse.

— E como sabe disso? — perguntou Lina.

— Sou curioso.

— O senhor reparou no corpo quando o tirou do rio? — Os olhos de Maga continuavam imensos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Cúmplices de um escândalo" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).